

O CAMÕES DE CRAVEIRINHA

NA IMPRENSA PORTUGUESA

Ana Ribeiro
U. Minho

Um Prémio Luís de Camões não fala por si?
José Craveirinha, *Jornal de Letras*

1. Introdução

Criado em 1988, o Prémio Camões detém “uma posição central no contexto dos outros galardões” (GEORGE, 2002: 47). Segundo João Pedro George (2002: 50), ele é o principal dos grandes prémios literários, os quais, “ao conciliarem a importância da instituição com o elevado montante monetário que acionam, acabam por ter uma capacidade de mobilização muito maior, tanto de candidatos como dos meios de comunicação social”. Estes e outros fatores¹ contribuem para a consagração do prémio e, cumulativamente, de quem o recebe.

O destaque conferido pela comunicação social aos prémios literários é mais um dos capítulos das seculares relações entre literatura e *media*, nas quais a imprensa escrita foi pioneira, marcando a literatura presença nas suas páginas de diversas maneiras ao longo dos tempos. A atribuição de um prémio literário, sobretudo quando se trata de um grande prémio, é, em princípio, um acontecimento que merece a atenção dos meios de comunicação, de

¹ George (2002: 50-52) aponta ainda como critérios distintivos “um júri mais numeroso”, a obrigatoriedade de atribuição do prémio em todas as edições e a não existência de candidaturas prévias, dependendo a seleção apenas do júri. António Guerreiro (1989: 10), por sua vez, acrescenta “uma respeitável caução simbólica de onde ele vá retirar o seu nome [...], uma larga amplitude do universo de pessoas premiáveis e um júri suficientemente prestigiado que assegure a respeitabilidade da sua escolha”.

tal forma que, como nota George (2002: 45), “o efeito de banalização criado pela exposição mediática pode também ser um fator de descrédito, já que a influência crescente dos meios de comunicação social pode pôr em causa a autonomia do literário”.

A cumplicidade entre estes dois campos sociais, bem como o valor mediático conferido a certos prémios literários, são o ponto de partida para o estudo dos ecos que a atribuição do Prémio Camões a José Craveirinha em 1991 teve na imprensa portuguesa. Para isso, consultámos em dez jornais nacionais de tipologias diversas (*A Capital (C)*, *O Comércio do Porto (CP)*, *Diário de Notícias (DN)*, *Diário Popular (DP)*, *Expresso (E)*, *O Jornal (J)*, *Jornal de Letras (JL)*, *Jornal de Notícias (JN)*, *Público (P)* e *O Primeiro de Janeiro (PJ)*), os textos a que deu origem a atribuição do Prémio a Torga, Melo Neto, Craveirinha, Vergílio Ferreira e Pepetela. Pretendia-se assim comparar o caudal noticioso relativo a Craveirinha com o dos seus antecessores e sucessores na distinção², de forma a perceber o valor que os jornais atribuem a este acontecimento e se aquele varia conforme o laureado. Tal estudo permitiria ainda identificar características da abordagem jornalística do prémio, traçar a imagem dele e do premiado veiculada pelos órgãos de informação escrita e perceber se a entrada em cena, pela primeira vez, de um autor exterior ao núcleo dos fundadores e patrocinadores do prémio teve especial repercussão na imprensa portuguesa. Por outro lado, também analisámos as notícias relativas à entrega do prémio. Tendo esta ocorrido numa data tão simbólica como o 10 de junho do mesmo ano, procurámos averiguar que lugar ocupava na cobertura noticiosa desta data e os aspetos destacados no seu tratamento jornalístico.

2. Portugal, Brasil e os mais

No “Protocolo adicional ao acordo cultural entre o governo da República Portuguesa e o governo da República Federativa do Brasil que cria o Prémio Luís de Camões”, assinado na capital brasileira em 22 de junho de 1988, o artigo 13.º previa a possibilidade de “adesão de outros países de expressão portuguesa” ao prémio. A ausência de formalização desta adesão não impe-

² Depois de Vergílio Ferreira, vencedor do Prémio um ano depois de Craveirinha, apenas considerámos Pepetela, por ele ter sido, em 1997, o segundo escritor africano proveniente de um país de língua oficial portuguesa a ser agraciado com este galardão.

diu que, no ano seguinte, na primeira edição do prémio, o júri tivesse partido “do princípio, indiscutível, de que todos os autores das vertentes africana, brasileira e lusa da língua portuguesa eram virtuais candidatos à outorga deste prémio” (“Expressão multimoda...”, 1989: 8). Nesta altura, a escolha recaiu sobre Miguel Torga, a quem sucedeu, no ano imediato, João Cabral de Melo Neto. Em 1991, o júri constituído pelos portugueses David Mourão-Ferreira (que também coordenou os trabalhos), Arnaldo Saraiva e Luís Forjaz Trigueiros e pelos brasileiros Affonso Romano de Sant’Anna, Márcio de Souza e Jorge Fernandes da Silveira³ decidiu atribuir o Prémio Camões a José Craveirinha, o primeiro premiado não pertencente às literaturas dos dois signatários do protocolo acima referido⁴. Tal decisão de um júri onde ainda não tinham assento representantes dos países africanos de língua oficial portuguesa⁵, para Maria-Benedita Basto (2016: 59), não é casual, pois Craveirinha vem a ser “o terceiro galardoado numa geografia-geopolítica exacta [...]. Estabelecido o triângulo perfeito que triangula a expansão portuguesa, os anos e prémios que se seguem parecem não sentir mais o fardo desta equação perfeita”, o que, sem prejuízo da qualidade da obra do autor premiado, põe em causa a natureza exclusivamente literária do prémio. A ata elaborada pelo júri, como veremos, será bem esclarecedora a este respeito.

A justificação avançada por alguns membros do júri insiste, no entanto, na necessidade de reforço da diversidade das culturas de língua portuguesa. Assim, o *P* dá-nos a saber que “Romano de Sant’Anna achou oportuno assinalar que esta decisão marca [«]o reconhecimento de que a cultura de língua portuguesa se encontra em expansão, tendo optado pelo cosmopolitismo, integrada no mundo amplo que é aquele em que vivemos»” (SEPÚLVEDA,

³ Todos eles integraram o júri pela primeira vez. Reuniram-se em Lisboa e anunciaram o prémio nesta mesma cidade, no Hotel Altis, no dia 29 de maio de 1991.

⁴ Nesta altura, a obra de Craveirinha contava já com vários prémios e distinções: Prémio Cidade de Lourenço Marques (1959), Prémio Reinaldo Ferreira, do Centro de Arte e Cultura da Beira (1961), Prémio de Ensaio do Centro de Arte e Cultura da Beira (1961), Prémio Alexandre Dáskalos, da Casa dos Estudantes do Império (Lisboa, 1962), Prémio Nacional de poesia de Itália (1975), Prémio Lotus, da Associação de Escritores Afro-Asiáticos (1983), Medalha de ouro da Comuna de Concesio (Brescia, 1975), Medalha Nachingwea, do Governo de Moçambique (1985), Medalha de mérito da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (1987).

⁵ Tal só sucederá a partir de 2002, altura em que Craveirinha e Pepetela, os dois africanos distinguidos pelo prémio até então, participaram no júri que atribuiu o Prémio Camões a Maria Velho da Costa.

1991: 31). Já o *DN* regista que “David Mourão-Ferreira [...] ratificou, por seu turno, a ideia de ser necessário e urgente assumir-se uma nova responsabilidade face às culturas de língua portuguesa, de tão largos horizontes: «É preciso dispensar uma nova atenção a este fenómeno», que está para além das culturas portuguesa e brasileira” (“Poesia de escritor africano...”, 1991: 27).

3. Os jornais e o Prémio Camões

O Camões de Craveirinha merece honras de primeira página em dois jornais dos dez consultados, *P* e *JL*, isto é, num jornal generalista de referência recentemente fundado⁶ e num jornal especializado. Não por acaso, nestes periódicos, tal como no *E*, a cobertura de tal acontecimento ocupa no mínimo uma página inteira e os artigos publicados estão assinados⁷.

De notar que, no ano anterior, apenas o *JL* tinha destacado na primeira página a atribuição deste mesmo prémio a João Cabral de Melo Neto. De resto, somente cinco jornais do *corpus* analisado referiram a distinção conferida ao poeta brasileiro (*CP*, *JL*, *JN*, *P* e *PJ*), sendo que em todos a notícia do prémio foi dada de forma enviesada, já que se limitaram a comunicar a saudação que o então Presidente da República, Mário Soares, enviou ao escritor. O *PJ* constitui, a este respeito, um caso paradigmático, visto que a mensagem do Presidente da República é duplamente noticiada: à notícia “Soares felicita o poeta Cabral de Melo Neto” (1990: 9), incluída na secção “Nacional”, sucede, na última página, uma coluna intitulada “Cabral Melo e Neto [*sic*] felicitado por Mário Soares” (1990: 36). Na transformação da ativa do primeiro título na passiva do segundo, o laureado ganha algum protagonismo.

Tal laconismo⁸ contrasta com o destaque que a imprensa tinha dado, em 1989, a Miguel Torga, o primeiro escritor de língua portuguesa a receber o

⁶ O primeiro número do *Público* saiu a 5 de março de 1990.

⁷ Torcato de Sepúlveda (*P*), Ilídio Rocha, Rui Knopfli, Manuel Ferreira, Eugénio Lisboa e Carlos Vaz Marques (*JL*) e António Loja Neves (*E*). No *DN*, há uma notícia assinada por M.A.S.

⁸ O *JL* (“João Cabral...”, 1990: 8) não deixou de assinalar o descaso da imprensa portuguesa pelo Camões de Melo Neto: “Enigmáticamente, a notícia da atribuição do galardão foi praticamente ignorada em Portugal. [...]. Nem os astronómicos dez mil contos [...] que constituem o pecúlio a arrecadar pelo premiado espezitaram a curiosidade da comunicação social para o galardão”. Parece que, afinal, o montante do prémio não lhe confere

prémio⁹. Em termos mediáticos, este arranque auspicioso cuidadosamente preparado¹⁰ é como que refreado no ano seguinte, o que não deixa de surpreender naquele que, logo na primeira edição, foi considerado, em textos da imprensa, “O prémio dos prémios” (GUERREIRO, 1989: 10). Por conseguinte, quando o Camões chega a Craveirinha em 1991, apesar da posição central que lhe é reconhecida no conjunto dos prémios literários, ele parece não se revestir de particular interesse para a imprensa, consequência talvez da sua então curta existência, da oscilação nas datas do seu anúncio¹¹ e, supomos, do valor-notícia dos escritores distinguidos. O laureado surge assim como outro ingrediente do sucesso de um prémio literário, gerando-se entre ambos uma corrente de mútuo reconhecimento.

4. Os jornais e o Camões de Craveirinha

Nos diversos jornais generalistas em que figura, a notícia da atribuição do Prémio Camões a Craveirinha encontra-se, na maioria dos casos, na secção “Cultura” ou “Cultura e espectáculos”. Apenas no *E* e no *PJ* se opta por sublinhar o carácter recente da premiação, incluindo a sua notícia, respetivamente, na secção “Actual” do suplemento *Cartaz* e na rubrica “Fim de semana”. Também para os restantes laureados do Camões selecionados para este estudo é a secção da “Cultura” ou da “Atualidade” que acolhe preferencialmente esta notícia. Por vezes, ela integra a secção “Nacional”, refletindo a nacionalidade do autor distinguido ou o local do anúncio da deliberação do júri. Esta última secção é a única privilegiada apenas no caso de João Cabral de Melo

um especial interesse, pelo menos para a imprensa, talvez mais sensível a outros parâmetros.

⁹ O Camões de Miguel Torga foi objeto de destaque na primeira página de cinco jornais (*C*, *DP*, *JL*, *JN* e *PJ*), tal como o de Vergílio Ferreira (*C*, *E*, *JL*, *JN* e *P*). Pepetela, que em 1997 seria o segundo escritor africano de um país de língua oficial portuguesa a ser distinguido com este mesmo prémio, viria nas primeiras páginas de quatro jornais (*C*, *E*, *JL* e *P*). Deste modo, o Camões de Craveirinha, vindo na sequência de uma edição quase ignorada pela imprensa, teria a seu cargo recuperar a projeção mediática do prémio.

¹⁰ Disto mesmo dá conta o *JL*: “Fontes fidedignas garantiram-nos também que antes de tomada a decisão, Miguel Torga foi sondado de forma discreta no sentido de se apurar que aceitaria o galardão. Era necessário acautelar que o Prémio, nesta sua primeira edição, não ficaria por receber...” (“Torga: «Eu não cuido de prémios!»”, 1989: 8).

¹¹ O primeiro Camões foi atribuído em maio; o segundo, só em setembro; o terceiro, novamente em maio; o quarto, em outubro (tão atrasado como o de Melo Neto, mas nem por isso tão pouco badalado, bem pelo contrário) e o oitavo, o de Pepetela, em abril.

Neto, uma vez que a notícia são as felicitações enviadas pelo Presidente da República ao laureado e não a atribuição do prémio em si.

A consonância que praticamente existe nos diversos jornais quanto à secção escolhida para integrar a notícia da premiação do “poeta do Índico” não se repete na abordagem deste facto feita por cada um deles. O *CP* é, de todos, aquele que apresenta a notícia mais sucinta. Com o título “Prémio Camões para Craveirinha”, limita-se a indicar o nome e nacionalidade do eleito, sendo a maior parte da notícia preenchida com a identificação dos seus antecessores, com a indicação das nacionalidades dos membros do júri e com a unanimidade na sua decisão, assim como por características do prémio (montante, objetivo, universo de autores contemplado). Todos estes dados se sobrepõem à apresentação do premiado e às razões da sua escolha.

Embora com um título idêntico, “Craveirinha: «Prémio Camões»”, o *JN* combina dados relativos ao poeta moçambicano e ao galardão com excertos da sua reação ao prémio. O mesmo esquema é adotado nos artigos publicados na *C*, no *DP*, no *E*, no *P* e no *PJ*. Já o *DN* distribui estes mesmos conteúdos por dois textos diferentes. Assim, uma notícia intitulada “Poesia de escritor africano leva «Camões» para Maputo”¹² reproduz sobretudo a apreciação crítica de Arnaldo Saraiva, um dos membros do júri, sobre o laureado. Vem acompanhada de um pequeno texto cujo título destaca uma afirmação de Craveirinha, “«Alegria que dói»”, e onde, para além da reação do autor ao prémio, se anuncia a sua próxima publicação.

Neste aspeto, podemos dizer que, na maioria dos jornais consultados, a cobertura noticiosa do Camões de Craveirinha dá a palavra ao autor. Correspondendo aos contactos dos meios de comunicação, ele manifesta-se sobre o prémio que recebeu, ao contrário do que sucedeu com Torga – não por acaso, o *J* dedicou-lhe um artigo intitulado “O silêncio de Torga” (FONSECA, 1989: 33)¹³ – e mesmo com Melo Neto, embora este tenha provavelmente

¹² A este título, um dos poucos que identifica Craveirinha especificamente como poeta, subjaz um ponto de vista revelado pelo verbo ‘levar’, o qual inscreve o lugar de onde se dá a notícia em relação ao lugar de pertença do premiado. É o contraponto de “«Craveirinha traz ‘Camões’ a Moçambique» [,] [...] título de primeira página escolhido pelo jornal moçambicano *Domíngo* (1991:1) para apresentar o prémio Camões atribuído em 1991 a José Craveirinha” (BASTOS, 2016: 53).

¹³ A apologia do silêncio, sinónimo da recusa em manifestar-se sobre o prémio que recebeu, está bem patente nesta resposta do autor de *Bichos* às solicitações do *JL*: “Prémios?

sido mais silenciado do que silencioso. Isto não significa que o autor de *Chigubo* preze menos a sua tranquilidade do que o escritor transmuntano. Na declaração exclusiva publicada no *JL*, significativamente intitulada “A honra e o desassossego” (CRAVEIRINHA, 1991: 8), com bonomia, ele lamenta: “fazem o José Craveirinha saltar da sua rotina caseirística para parangonas, microfones à frente, perguntas e mais perguntas, todas elas indiscretas ou inoportunantes. Lá se vai o merecido descanso de simples e vulgar cidadão, olhando a paisagem da rua como sua preferida videonovela diária”¹⁴.

4.1. As palavras de um vencedor

As declarações do escritor moçambicano, quer as divulgadas pela agência Lusa, citadas pelos jornais ditos populares, quer as exclusivas dos jornais considerados de referência (*P*, *DN* e *E*) ou do *JL*, versam os seguintes tópicos:

4.1.1. Louvor da língua portuguesa

Nas suas diversas intervenções, Craveirinha não poupa elogios à língua portuguesa:

i) a língua portuguesa, além de ser uma língua bela, permite na sua plasticidade ser enriquecida por outros sem perder a sua identidade. Portanto, o mérito [...] nunca será meu, o mérito é sempre da língua portuguesa, o que não é também de agora, pois nós somos uns simples, modestos e humildes seguidores de Camões. (“Craveirinha: «o mérito ...»”, 1991: 10)

ii) É um prémio à língua portuguesa [...] por conseguir o milagre de não deixar que nos distanciemos como pessoas, nós os que a usamos e gostamos dela. (*apud* SEPÚLVEDA, 1991: 31)

iii) O Prémio só me faz credor da língua que herdei, porque é ela, finalmente, a responsável por esta honra. (*apud* NEVES, 1991: 36)

iv) É uma justiça para com a língua portuguesa de Camões e uma distinção, em particular, para a poesia africana”. (“Poesia de escritor...”, 1991: 27)

Eu não cuido disso. Cuido é de escrever os livros e o resto é com os leitores e os senhores.” (“Torga: «Eu não cuido de prémios!»”, 1989: 8).

¹⁴ Do mesmo modo, em discurso indireto, o *E* regista: “O escritor, esse, incomoda-se com as inevitáveis repercussões que advêm de tornar-se um laureado, vulnerável às luzes de ribaltas que nunca perseguiu” (NEVES, 1991: 37).

v) Já disse, noutra altura: “amo a língua portuguesa como se ama de paixão uma mulher”. (*apud* MARQUES, 1991: 9)

vi) Gosto dela. Não tenho nada contra outras línguas... mas gosto da língua portuguesa. Ainda por cima sob a sombra tutelar, grandiosa de Camões”. (*ibidem*)

Este filão das declarações de Craveirinha, para além de presente em praticamente todos os artigos, é ainda destacado em diversos títulos:

- i) “Mérito à plasticidade enriquecedora da língua” (C)
- ii) “O mérito é da língua portuguesa” (PJ)
- iii) “A língua portuguesa é um milagre” (P)

Tal preferência, se por um lado se pode explicar pelo público ao qual os jornais se destinam, por outro vai ao encontro do espírito de um prémio chamado, não por acaso, Luís de Camões, convertendo o autor de *Os Lusíadas*, como diz Ellen Sapega (2016: 27), “[n]um modo de representação metonímica da *língua*, no sentido em que cada autor galardoado escreve na «língua de Camões»”, versão pós-colonial do Camões «imperial» inventado pelo Estado Novo (*ibidem*)¹⁵. O próprio autor estabelece esta associação, como demonstram os excertos i), iv) e vi) atrás citados.

Embora reconheça o magistério do épico, nem por isso Craveirinha aceita o monopólio camoniano da língua. De facto, em “A honra e o desassossego” (CRAVEIRINHA, 1991: 8), apresenta a dita «língua de Camões» como um património partilhado por uma comunidade ampla e diversificada: “ligados [Craveirinha, Torga e Melo Neto] pelos fortes laços de ser o idioma de que somos legítimos usufrutuários em comum: a Língua Portuguesa (portuguesamente); a Língua Portuguesa (brasileiramente); ou da Língua Portuguesa (moçambicanamente)”. Os moçambicanismos que emprega no seu texto (“maninguentemente” e “bulabula”), acompanhados do termo equivalente em português europeu, são a expressão de uma identidade própria construída e manifestada numa língua que não deixa de ser portuguesa.

¹⁵ A associação entre Camões e a língua portuguesa é explicitamente afirmada por Ilídio Rocha (1991: 8) no seu testemunho sobre José Craveirinha incluído no *JL*: “É que Camões, mau grado as tropelias que em nome dele nos faziam na escola ou até talvez por isso, é nome que sempre ficou ligado à ideia de língua portuguesa”. É de notar o papel da escola no sucesso desta equação.

No mesmo sentido, afirma também: “A concessão deste prémio calhou-me a mim, mas se calhasse a outros escritores, fossem eles angolanos, cabo-verdianos, são-tomenses ou guineenses e também outros escritores meus conterrâneos estaria bem com aquilo que o prémio representa para todos nós” (“Craveirinha: «o mérito ...»”, 1991: 10; “«Que vou fazer...»”, 1991: 7).

O *JL* vai ao encontro destas considerações ao anunciar na primeira página: “Craveirinha, Prémio Camões. Português, língua morena”. Na aproximação que faz entre o prémio consagrado ao épico e a “língua morena”, este título afasta-se da tal “visão nacionalista, clássica e literária” (TEIXEIRA, 2018: 144) do português, subjacente à famosa expressão “língua de Camões”. Destaca antes a língua portuguesa como fruto de mestiçagens diversas, resultantes da sua adoção e adaptação em diversos pontos do globo, expressando assim uma visão mais consentânea com a natureza pluricêntrica desta língua em que também Camões se expressou.

4.1.2. Leituras do prémio

José Craveirinha reconhece o lugar cimeiro do Prémio Camões entre os prémios literários atribuídos em Portugal, ao qual não é indiferente o patrono escolhido, quando afirma em “A honra e o desassossego” (CRAVEIRINHA, 1991: 8): “Falar do Prémio? Falar o quê? Um Prémio Luís de Camões não fala por si?”. Como se vê, o nome escolhido para o prémio garante, só por si, a excelência de tal galardão, tornando desnecessárias quaisquer palavras a seu respeito. O nome atribuído ao prémio é igualmente indissociável do poder de consagração deste, reconhecido pelo poeta quando o classifica, no mesmo texto, como “tão prestigiante distinção”, pelo que não pode deixar de confessar: “Foi um privilégio esta honra. Um grande privilégio”.

O patamar em que coloca o prémio serve para um pretexto de modéstia por parte do galardoado, *topus* frequente nas intervenções dos escritores: “nunca sonhei que tal prémio fosse atribuído a um escrevinhador desta área do mundo, a África Austral, uma zona muito conturbada e com várias implicações sociopolíticas” (“Craveirinha: «Prémio Camões»”, 1991: 45; “«Mérito à plasticidade...»”, 1991: 17; “«Que vou fazer ...»”, 1991: 7). Nesta passagem, Craveirinha apresenta-se como alguém que julga não cumprir os requisitos que considera necessários para vencer este prémio, o que traduz uma certa conceção sobre ele. É de salientar o facto de este “escrevinhador” assinalar a sua proveniência, estabelecendo uma íntima conexão entre estes dois

traços da sua identidade. Por outro lado, implicitamente, faz o prémio depender de critérios não exclusivamente literários.

Receber o prémio ter-lhe-á provado que estava duplamente enganado, pois não só o confirmou como escritor, como também o canonizou. Além disso, a situação social e política de Moçambique, país onde já decorriam as negociações que conduziriam ao final da guerra civil no ano seguinte, não foi critério de exclusão. Também não terá influenciado a decisão do júri, como esclarece o coordenador dos trabalhos, David Mourão-Ferreira: “«Estiveram em causa valores literários e não considerações políticas; houve talvez uma coincidência conjuntural. Caso contrário seria mais oportuno dar o prémio a um angolano.»” (*apud* SEPÚLVEDA, 1991: 31).

No entanto, tal não impediu o laureado de fazer várias leituras do prémio, extrapolando geralmente o plano literário:

i) É uma justiça para com a língua portuguesa de Camões e uma distinção, em particular, para a poesia africana. (*apud* M. A. S., 1991: 27)

ii) O Prémio não é só do Craveirinha, nem sequer apenas de Moçambique, e abrange muito mais do que a literatura: deve ser entendido também como uma homenagem a esta área bastante conturbada do continente africano onde nos inserimos. (*apud* NEVES, 1991: 36)

iii) Mas também, espero, terá conotações com a comunidade portuguesa da vizinha África do Sul, que ficará certamente sensibilizada com este prémio. Há um vínculo importante que se vai sedimentar, consolidar, a partir de um instrumento de comunicação tão vital como o é a língua portuguesa. (*apud* NEVES, 1991: 36)

Em tais afirmações, Craveirinha partilha o prémio com outras comunidades, seja por razões políticas, seja por fraternidade linguística e literária (que não deixa de ter implicações políticas também). Neste gesto generoso e conciliatório, dilui modestamente a natureza individual do galardão para dar visibilidade a situações ou grupos pouco visíveis e/ou pouco valorizados.

4.1.3. Impacto do prémio na vida do poeta

Apesar dos diversos parceiros a que estendeu o prémio, a verdade é que foi de facto o autor de *Karingana ua karingana* a recebê-lo e a sentir as suas consequências. Como já vimos acima, José Craveirinha não apreciou a expo-

sição mediática trazida pelo Camões. Também os dez mil contos do prémio (50 mil euros, na moeda atual¹⁶) não lhe deram particular satisfação:

i) é claro que vai ser uma outra etapa desta vida, ter que enfrentar esta coisa de ser, sem querer, nem ter feito aquilo que é natural aos outros fazerem, e tornar-me de repente milionário. (“Craveirinha: «Prémio Camões»”, 1991: 45; “«Que vou fazer ...»”, 1991: 7)

ii) Mas o que é que eu vou fazer com tanto dinheiro? O que é que vou fazer com um prémio destes? Para tudo o que gostaria de fazer não chega, para aquilo que estou acostumado é demais. (“Craveirinha: «Prémio Camões»”, 1991: 45; “Craveirinha: «o mérito é...»”, 1991: 10; “«Que vou fazer ...»”, 1991: 7)

A reação de Craveirinha, que chega a considerar o prémio “um azar” (*apud* MARQUES, 1991: 9), difere da de Miguel Torga, que se mostrou indiferente a tal circunstância: “Eu não ligo a prémios. Sempre vivi do meu trabalho e não são agora os prémios que vão alterar o que quer que seja” (“Torga: «Eu não cuido...»”, 1991: 8). De qualquer maneira, nenhum dos dois encara a literatura como ganha-pão. Sobressai a autonomia de ambos em relação aos valores económicos e a sua fidelidade aos valores literários.

É a apreensão do poeta moçambicano quanto ao destino a dar ao dinheiro inesperadamente recebido que o *DP* destaca no título da notícia sobre a atribuição do prémio, no qual, após a indicação “Prémio Camões”, cita, sem identificar o autor: “Que vou fazer com tanto dinheiro?” (1991: 7). Tal opção parece-nos refletir a valorização recorrente do montante associado ao prémio, tópico que, como já mencionámos, tanto agrada à imprensa. De facto, os jornalistas, à semelhança do que sucede com um vencedor do Euromilhões ou da lotaria, não perdem a oportunidade de questionar os galardoados sobre como vão empregar tão avultada quantia: “Uma pergunta da praxe: o que é que o José Craveirinha já pensou fazer com este muito dinheiro, dez mil contos?” (MARQUES, 1991: 9). Embora esta importância contribua para que o Prémio Camões seja um “Grande Prémio”, ela parece-nos competir seriamente com o seu valor simbólico. Em nosso entender, é este que Craveirinha prefere, como se depreende da satisfação várias vezes expressa por o prémio

¹⁶ A partir de 2001, o valor do prémio duplicou, subindo para 100 mil euros. Brasil e Portugal participam nesta quantia com 50% cada um.

estar “sob a sombra tutelar, grandiosa de Camões” (*apud* MARQUES, 1991: 9) e por “[o colocar] na honrosa companhia de tão consagradas figuras maiores da literatura como é um Miguel Torga, como é um João Cabral de Melo Neto” (CRAVEIRINHA, 1991: 8). O título “A honra e o desassossego”, que encabeça o testemunho do escritor no *JL*, é um bom resumo da reação ambivalente do autor ao prémio. A citação “«Alegria que dói»”, escolhida para título de um pequeno texto no *DN*, expressa a mesma visão (des)encantada. Neste caso concreto, o poeta justifica o seu desalento com a idade¹⁷: “Porque há formas de alegria que doem. Já estou velho” (M.A.S., 1991: 27). Idêntica formulação ocorre no *P*: “É um peso muito grande, as grandes alegrias também pesam, sobretudo a um sexagenário como eu” (SEPÚLVEDA, 1991: 31). É como se o Prémio Camões, implicitamente reconhecido como um prémio carreira, chegasse num momento em que o escritor, fragilizado pela idade e pelas experiências de vida, não estivesse emocionalmente preparado para o receber, o que não deixa de ser uma forma de confirmar a sua posição dominante no conjunto dos prémios literários.

Tristezas e alegrias à parte, o Prémio Camões, como sempre acontece com um prémio literário, surge como uma possível alavanca na divulgação da obra do escritor. À data da premiação, Craveirinha contava com quatro títulos publicados: *Chigubo* (1964), *Karingana ua karingana* (1974), *Cela 1* (1980) e *Maria* (1988). Segundo “«Alegria que dói»” (M.A.S., 1991: 27), *Babalaze das hienas* estava em preparação na altura do prémio¹⁸. O *E* avança “o interesse de uma editora em publicar a sua «Obra Completa»” (NEVES, 1991: 36). Ao *JL*, no entanto, o poeta não se mostra tão otimista quanto às suas publicações no futuro: “Julgo que isso vai resultar, precisamente, em editar o que está por editar; dar à luz o que está aí pelas gavetas. Não sei, verdadeiramente não sei. Depende sempre dos editores, de quem esteja interessado nisso...” (*apud* MARQUES, 1991: 9). A hesitação do escritor leva-nos a pensar que o capital simbólico amealhado pela atribuição do prémio pode não garantir o interesse das editoras. Estas mediadoras fundamentais

¹⁷ Segundo o *JL* (1991: 8), Craveirinha recebeu “a notícia da atribuição do prémio no dia em que completava 69 anos”. Do grupo de autores que seleccionámos, apenas Pepetela era mais jovem (55 anos) quando recebeu o Prémio Camões. De resto, Torga contava 81 anos, Melo Neto, 70 e Vergílio Ferreira, 77.

¹⁸ Seria publicado apenas em 1996, em Moçambique, pela Associação de Escritores Moçambicanos.

entre o escritor e o público detêm a última palavra, o que sugere que o júri e as instituições responsáveis pela distinção e as casas editoriais podem não partilhar o mesmo tipo de critérios¹⁹.

Como jornal especializado que é, o *JL* fornece uma pequena amostra dessa obra ao revelar, numa das páginas do *dossier* dedicado ao escritor moçambicano, oito “Poemas inéditos de José Craveirinha” (1991: 11). A indicação que acompanha sete deles anuncia uma publicação a caminho: “(Este conjunto de poemas destinam-se [*sic*] a uma futura nova edição, ampliada, do livro «Maria»)”.

4.1.4. O ofício de escritor

A explicação para o moderado entusiasmo do autor de *Hamina e outros contos* com as suas publicações futuras é avançada pelo próprio logo a seguir: “Nunca me preocupei muito em editar” (*apud* MARQUES, 1991: 9). No mesmo sentido, tirando irónico proveito dos lugares comuns do discurso colonialista, declara ao *E*: “Sabe, convencionou-se que o africano era indolente, atavicamente indolente, e eu perfilhei a ideia e tornei-me indolente. Adoro escrever, mas a intenção de escrever para publicar um livro é um objectivo que me falta” (*apud* NEVES, 1991: 36). O elevado número de textos do seu espólio não se entenderia sem esta paixão pela escrita, a qual coloca a edição em segundo plano.

Como declara a Carlos Vaz Marques, o que o seduz na escrita é “O jogo. O jogo. O jogo das palavras. Toda aquela busca constante que é precisamente o género “poesia”. // Cada palavra tem um peso próprio. É aquilo que já alguém muito mais importante na poesia disse: o encontro do sentido com o som.” (*apud* MARQUES: 1991: 9). O poeta moçambicano afasta-se, assim, de uma conceção romântica da criação literária, substituindo a inspiração por trabalho. Para Craveirinha, a poesia não se resume a este lado lúdico, pois ele

¹⁹ O tempo confirmou as reticências de José Craveirinha sobre o impacto do prémio na fortuna editorial da sua obra. Depois de receber o Prémio Camões, e para além de *Babalaze das hienas* (1996), publicou *Hamina e outros contos* (1997) e um segundo volume de *Maria* (1998). Só em 2007 foi assinado um protocolo entre a família do escritor e o Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa para editar a obra completa de Craveirinha. Nesta altura, falava-se em 10 mil textos inéditos, dos quais, tanto quanto foi possível apurar, apenas *O folclore moçambicano e as suas tendências* (2009), foi dado à estampa. Cf. https://macua.blogs.com › 2007/02 › textos_de_jos_craveirinha. [Consult. 26/12/ 2019].

não é gratuito: “Havia também dentro daquilo a que chamei o jogo, uma necessidade de comunicar. E a poesia era um meio eficaz para isso: comunicar. Para comunicar aquilo que nós sentíamos em termos de esperança, sonho, amor... Aquelas coisas que ocupam todos os que andam metidos nestas coisas da vida...” (*ibidem*).

Face ao confessado desinteresse pela publicação, seriam os amigos, seu primeiro público e crítico, os responsáveis pela concretização deste desejo de comunicar, aumentando o número de mediadores entre o escritor e o público: “Mas nunca estive preocupado em fazer com o objectivo de editar. É por isso que eu sou o menos responsável por aquilo que tem sido editado. Os mais responsáveis têm sido os amigos que andam aí a devassar as gavetas e publicam. Resolvem publicar” (*ibidem*). No mesmo sentido, escreve no *JL*: “É bem feito para quem nunca levou a literatura suficientemente a sério no sentido de a escrever para a publicar” (CRAVEIRINHA, 1991: 8). No caso de Craveirinha, parece, assim, haver um processo com vários intervenientes, tendo cada um deles tarefas bem definidas: ao poeta compete escrever; aos amigos, escolher e à editora, publicar. Por outro lado, se a publicação é um elemento indispensável para a definição de escritor, o poeta moçambicano surge como um alguém que se tornou escritor por acaso ou pela vontade de outrem.

4.2. Craveirinha nas palavras de outros

Nos jornais considerados de referência, a notícia do prémio é mais polifónica do que nos jornais mais populares, pois, para além da voz do poeta, neles encontramos também a voz dos críticos. Neste conjunto, e porque se trata da atribuição de um prémio, adquire especial relevo a ata do júri, que nunca aparece integralmente reproduzida em nenhum dos jornais consultados. Assim, o *P* e o *JL* coincidem na citação dos parágrafos onde se descreve o processo de seleção do laureado. Num primeiro momento, “Os membros do júri debruçaram-se demoradamente sobre as várias literaturas que em língua portuguesa se exprimem, tendo concluído que, já uma vez premiado um autor português e outro brasileiro [...], seria a altura adequada para se considerar a concessão do Prémio a um autor de um país africano de língua oficial portuguesa” (“A acta do júri”, 1991: 8). Esta passagem torna evidente a triangulação identificada por Maria-Benedita Bastos, referida em 2. Tal

triangulação pressupõe nitidamente uma hierarquia evocativa do binómio centro e periferia.

Escolhida a região a privilegiar, e “após se terem analisado os indiscutíveis méritos literários de vários autores desta área, o júri centrou-se, a breve trecho, no nome de José Craveirinha, grande poeta moçambicano cuja obra é reconhecida como da mais elevada categoria” (*ibidem*). De acordo com esta declaração, não será descabido dizer-se que o júri não decidiu propriamente sozinho, já que parece não ter sido indiferente à já existente fortuna crítica do escritor. Assim sendo, o Prémio Camões, ao reconhecer o reconhecimento, funciona como o reconhecimento máximo, situação de que retira o seu prestígio na escala dos prémios.

Deste modo, pode afirmar-se que o júri veio fazer coro com as demais vozes que celebravam a obra do poeta da Mafalala. A sua apreciação crítica sobre a arte do escritor selecionado encontra-se no *E* e no *DN*, jornais que optaram ambos pela parte da ata onde o júri justificou a sua escolha:

Traduzindo uma lúcida indignação ou uma indignada lucidez colectiva ou individual (inclusivamente de poeta ‘enclausurado’ e de poeta inconformado até com a ‘passividade animal’), ou expondo a fragilidade e a solidão geradas pela morte ou pela ausência amorosa, a poesia de José Craveirinha revela a dignidade e a grandeza de um poeta que tem ‘amor para dar às mãos cheias’, é sempre tão veemente quanto densa e vigiada e afirma sempre um discreto optimismo, próprio de quem nunca deixou de acreditar no diálogo entre o ‘irmão africano’ e o ‘irmão europeu’ (o outro), de quem persegue a ‘beleza de todas/ as cores das flores do universo’ e de quem aceita os desafios do tempo presente e se interroga sobre os enigmas do destino. (*apud* NEVES, 1991: 37)

Este retrato destaca a natureza multifacetada do escritor e da sua obra, na qual têm assento o coletivo e o individual, a indignação, o amor e a fraternidade, o presente e o futuro, o local e o universal.

Para além de extratos da ata do júri, os mesmos periódicos reproduzem ainda apreciações de críticos ou de outros escritores. Torcato Sepúlveda, no *P*, cita Arnaldo Saraiva, um dos membros do júri que concedeu o Camões a Craveirinha, Rui Knopfli e Jorge de Sena. No *E*, António Loja Neves convoca Noémia de Sousa e Ana Mafalda Leite. As declarações de Arnaldo Saraiva a propósito da atribuição do prémio são também reproduzidas no *DN*. Enquanto jornal especializado, o *JL* inclui depoimentos de Ilídio Rocha,

Eugénio Lisboa, Rui Knopfli e Manuel Ferreira. Chama a atenção o facto de, neste elenco, poucas repetições haver, o que contribui para a diversidade de pontos de vista sobre a obra do poeta. Por outro lado, a maioria dos intervenientes tem uma ligação estreita a Moçambique. Destaque-se neste grupo Noémia de Sousa, poetisa moçambicana contemporânea de Craveirinha. Ela recorda o amigo quando jovem, para salientar a sua “forte personalidade”, o espírito de liderança que já então manifestava e a sua rebeldia (NEVES, 1991: 36).

A indestrutível ligação do autor à língua portuguesa é o traço comum à maioria das intervenções, que assim reiteram os depoimentos do laureado. Deste modo, Eugénio Lisboa (1991: 9) e Rui Knopfli (1991: 10), se por um lado dão um testemunho pessoal, falando do amigo enquanto homem e poeta, por outro salientam ambos o seu apego ao português, traço igualmente sublinhado por Ilídio Rocha (1991: 8) e Arnaldo Saraiva (“«A língua portuguesa...»”, 1991: 31; “Poesia de escritor africano...”, 1991: 27). De certa maneira, Ana Mafalda Leite, em vésperas de lançar uma obra sobre o poeta moçambicano, segue esta mesma linha, mas salienta o papel do escritor na renovação dessa língua que lhe é tão cara: “A investigadora lembra que a escrita do moçambicano «é uma reinvenção da própria língua, uma revalorização do português. [...] Ele é um dos responsáveis por a língua portuguesa ficar mais rica.»” (NEVES, 1991: 36).

Indo para além da questão linguística, Jorge de Sena, citado por Torcato Sepúlveda no *P*, identifica a obra de Craveirinha com África e enaltece “aquela nobreza de poesia ante que a crítica se envergonha dos seus juízos, como a humanidade deveria envergonhar-se de apenas sê-lo às horas em que não trafica consigo mesma” (*apud* SEPÚLVEDA, 1991: 31). Ao mesmo tempo que sugere a vertente interventiva da obra do escritor moçambicano, Sena aproveita para criticar a desumanidade da humanidade e, implicitamente, o colonialismo e as suas práticas racistas.

Arnaldo Saraiva, cuja apreciação é retomada tanto no *P* como no *DN*, refere a natureza ideológica da poesia do premiado, sem deixar de notar também o seu lado mais pessoal e intimista. Traça ainda a genealogia literária de Craveirinha, influenciado pela “leitura dos neo-realistas portugueses, dos nordestinos brasileiros e de escritores europeus e americanos socio-literariamente empenhados” (*apud* SEPÚLVEDA, 1991: 31). Salienta a originalidade da sua poesia e a sua consciência de “que a poesia é feita de palavras e

que elas se tornam autónomas, imagens que só ao leitor pertencem” (SE-PÚLVEDA, 1991: 31), resumindo deste modo a conceção de poesia do escritor²⁰.

O depoimento de Manuel Ferreira incluído no *JL*, para além de abordar tópicos idênticos aos anteriores, relaciona a atribuição do Prémio Camões a Craveirinha com “a exemplar seriedade e o empenho postos nos estudos literários africanos em Portugal” (FERREIRA, 1991: 10)²¹. Além disso, contextualiza o aparecimento de Craveirinha na literatura moçambicana e destaca o papel por ele aí desempenhado:

No fundo, havia que arrostar com a pesada e podre herança da literatura colonial e para tanto só um grande talento podia dar voz inteira aos apelos subterrâneos, latentes e crescentes, na consciência de um povo. Um demiurgo, não predestinado, mas determinado, e que nessa determinação fosse um dos mais eficazes agentes da fundação da **moçambicanidade**, que significava conferir à poesia de Moçambique a sua autonomização. (FERREIRA, 1991: 10. Negrito no original)

A “revalorização do português” assinalada por Ana Mafalda Leite é indissociável deste desígnio:

Ora, é na construção dessa proposta, que implica a edificação de um novo paradigma estético, que Craveirinha organiza os materiais não apenas em ordem a lograr o processo formal poético em si mesmo, mas para conferir a identidade vital aos conteúdos. E aí a sua linguagem é potenciada pelas especificidades nacionais moçambicanas, ou seja, também ela, a linguagem, se renacionaliza. (*ibidem*)

Pela apropriação específica que faz de uma língua que Moçambique partilha com outras comunidades, Craveirinha não é apenas património deste país:

²⁰ No *DN* (*apud* “Poesia de escritor africano...”, 1991: 27), onde Arnaldo Saraiva é citado e não parafraseado, lê-se: “«poeta que sabe que a poesia se faz com palavras e só é autêntica se implicar o diálogo e a libertação»”. Neste caso, a poesia é uma construção que, embora não se confunda com a realidade, deve ter efeitos nela.

²¹ O próprio Manuel Ferreira, “indigitado como o melhor perfil pessoal e científico” (CARVALHO, 2017: 36) para lecionar, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a recém-criada cadeira de Literaturas africanas de expressão portuguesa em 1974, terá contribuído significativamente para o desenvolvimento desta área de estudos.

Ao cabo e ao resto, a obra de José Craveirinha, produto de um grande talento e do límpido amor à língua portuguesa que, nem pelo facto de ser **moçambicanizada** – ou por isso mesmo! –, deixou de ser a língua de todos nós. Um poeta de todos nós. (*ibidem*)

Independentemente do prisma por que abordem a obra do poeta moçambicano, os autores convocados são vozes de autoridade que o confirmam como alguém “que, pelo valor intrínseco da sua obra, [contribuiu] para o enriquecimento do património literário e cultural da língua comum” (Art.º 1.º do “Protocolo...”).

5. Discursos

O Prémio Camões de José Craveirinha volta a ser notícia a propósito da sua entrega no dia 10 de junho, data anunciada desde o início para este ato, de acordo com o nome do patrono do prémio²². Se acrescentarmos que, desde 1978, este é também, e não por acaso, o dia de Portugal e das comunidades portuguesas, poder-se-ão fazer outras leituras desta escolha.

O carácter conjunto da celebração reflete-se na cobertura mediática da cerimónia da entrega do prémio, dependente das reportagens sobre as comemorações deste feriado nacional(ista). Integra por isso a secção “Nacional” ou “Política”.

Em todos os jornais onde encontramos reportado tal acontecimento não faltam as referências que o presidente Mário Soares fez, no seu discurso, ao premiado, “combatente anticolonialista e resistente tantos anos preso sob a ditadura” (“Soares dá recado...”, 1991: 2) e “símbolo da fraternidade linguística” (“Mário Soares incita...”, 1991: 3). A este propósito, considera que “a atribuição do Prémio Camões a um moçambicano que na sua poesia, «confirma a língua que falamos na sua vitalidade e que lhe confere os signos de uma diferente visão do mundo é, para todos, motivo de alegria e orgulho»” (“Soares dá recado...”, 1991: 2).

Talvez por se tratar do Presidente da República, ou por questões de afirmação de soberania ou supremacia linguística, as palavras de Mário Soares

²² O 10 de junho foi também o dia em que Torga recebeu o seu Camões em 1989. No ano seguinte, a cerimónia da entrega do prémio apenas teve lugar em outubro. Com Craveirinha, o prémio regressou ao dia a que o épico dá o nome.

sobrepõem-se ao discurso laudatório proferido pelo Secretário da Cultura do Brasil, Sérgio Rouanet. Ele é referido pelo *P*, mas para destacar que “A presença do governante brasileiro ficou, sobretudo, assinalada por uma ‘gaffe’, ao esquecer-se de referir o Presidente da AR, Vítor Crespo, quando saudava as autoridades presentes” (MORAL, 1991: 6). Já segundo o *DN* (“Timor Leste é a oitava ...”, 1991: 4), na sua alocução sobre o laureado, o representante do Brasil “salient[ou] o seu amor pela língua portuguesa, «o que o coloca na linhagem dos grandes fazedores de poemas do século XIX»”.

Tanto no *P* como na *C*, a intervenção de Craveirinha, conquanto dê origem a uma divisão no texto, é mais um capítulo do relato sobre as comemorações. Ambos intitulam esta parte “Somos oito”, frase proferida pelo poeta para recordar Timor-Leste, “aquele pequeno mas sacrificado pedaço de terra, não aqui representado, mas presente nos nossos sentimentos e no nosso dever de solidariedade”²³ (*apud* “Soares dá recado...”, 1991: 3), ainda sob domínio indonésio, como nação de língua portuguesa. Aliás, é em nome da língua comum partilhada por diversas comunidades que Craveirinha se apresenta como “«uma voz reclamando, com toda a veemência, paz também em Moçambique, paz também em Timor Leste, paz também na vizinha África do Sul onde vive meio milhão de falantes de berço, da bela língua portuguesa»” (*ibidem*). Esta atitude não surpreende num poeta que pôs a sua poesia ao serviço da libertação de Moçambique e que leu no prémio mais do que um louvor pessoal.

Prosseguindo nesta linha interventiva, e aproveitando a visibilidade proporcionada pela ocasião, o laureado destacou “o «especial simbolismo» do prémio «no momento histórico que vivemos (e sofremos). O seu prestígio chama a atenção de espíritos influentes do mundo culto para atribulados desajustes no «puzzle» socio-político, não exceptuando a África do Sul” (*apud* “Soares dá recado...”, 1991: 3). Mesmo que o *P* não deixe de notar que “Modesto e irónico, comentando o Prémio Camões que acabava de receber das mãos do Presidente português, Craveirinha «amnestiou» o júri «que fez de mim vítima indefesa de um equívoco literário»” (MORAL, 1991: 6), julgamos que ambos os jornais privilegiam a natureza política da intervenção de Craveirinha.

²³ Em novembro deste mesmo ano, o Massacre de Santa Cruz confirmaria a oportunidade da chamada de atenção do poeta moçambicano.

O panorama não é diferente no *PJ*, o *CP* e o *DN*. Embora na reportagem sobre as comemorações apenas relatem as palavras dirigidas pelo Presidente da República ao premiado e dediquem uma notícia à parte ao discurso do poeta moçambicano, repetem estes mesmos excertos. Os títulos escolhidos, “José Craveirinha definiu Timor como «nação de língua portuguesa»” (*PJ*), “Timor-Leste é a oitava nação lusófona” (*DN*) e até “Timor-Leste – o oitavo PALOP” (*CP*), confirmam o destaque conferido ao cariz político da alocução do escritor moçambicano. De certa maneira, ela serve de contraponto ao discurso presidencial, pois, como o *CP* assinala, “Sem qualquer referência a Timor-Leste, Mário Soares falou na assinatura dos acordos de paz para Angola como exemplo do papel que Portugal «pode e deve desempenhar na fidelidade à sua história e tradição humanistas [...]»” (“Dezenas de personalidades...”, 1991: 4). Ao evocar Timor-Leste numa cerimónia pública em data tão emblemática para Portugal, o autor de “Grito negro” junta-se ao popular que, à entrada do Convento de Cristo, monumento onde decorreu o evento, “distribuiu panfletos onde se lia «Timor está em Tomar, porque Timor ainda é Portugal»” (*ibidem*). Olhado a partir destas páginas, o Prémio Camões ganha outros contornos. A inclusão da notícia da sua entrega numa secção de “Política” não se justifica apenas pela data e cerimónia em que ocorreu.

6. Conclusão

Numa entrevista concedida a um jornal espanhol, José Saramago (DELGADO, 1990: 107), que também foi jornalista, afirmou: “Os jornais seguem a mentalidade corrente. Salvo exceções, são caixas de ressonância [...]”²⁴. Estudar a projecção que teve, em jornais portugueses, a atribuição do Prémio Camões a José Craveirinha em 1991 permite, pois, ver para além desta efeméride.

Os dez jornais consultados para a realização deste trabalho revelaram-nos que o lugar cimeiro que o Prémio Camões ocupa na hierarquia dos grandes prémios literários em Portugal não lhe garante por si só visibilidade mediática. Em 1991, quando este prémio, na sua terceira edição, chegou às mãos de Craveirinha, ele não detinha uma posição mediática consolidada, correspon-

²⁴ Tradução nossa a partir do original: “Los periódicos siguen la mentalidad corriente. Salvo excepciones, son cajas de resonancia [...]”.

dente à sua preponderância no campo literário. No ano anterior, a atribuição do prémio ao poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto passou quase despercebida à imprensa portuguesa. Se juntarmos a esta espécie de boicote o quase silenciamento do Secretário da Cultura do Brasil na sessão de entrega do prémio a Craveirinha, configura-se um cenário algo censório, fruto talvez das disputas linguísticas entre Portugal e Brasil²⁵. Seria necessário verificar se esta atitude se manteve em edições seguintes para confirmar tal hipótese.

Com o Camões de Craveirinha, a cobertura mediática deste prémio retomou praticamente os níveis que já conhecera com Torga, embora com menos destaques na primeira página. A imprensa escrita portuguesa acolheu melhor este premiado do que o primeiro galardoado brasileiro. Neste sentido, pode dizer-se que a entrada em cena de um escritor africano de língua portuguesa se revestiu de um valor positivo para a imprensa. Os jornais portugueses parecem assim secundar o desejo expresso pelo júri de conferir visibilidade às culturas africanas que fizeram do português uma língua também sua, o que é uma maneira de reforçar a importância da língua portuguesa no mundo.

Enquanto Torga era pouco mediático, apesar do interesse dos *media*, o poeta moçambicano, embora sem ter nisso especial gosto, não se furto a colaborar com a imprensa. A maior parte dos jornais, tanto na reação imediata de Craveirinha ao prémio, como no autorretrato que o escritor vai traçando nas suas intervenções, destaca a sua estreita ligação à língua portuguesa. Os testemunhos críticos convocados confirmam igualmente tal afeição, sem deixarem alguns deles de salientar a moçambicanização do português operada pelo escritor, o que não é encarado como uma desvirtuação, mas como outra face do seu amor pelo português. Esta insistência na ligação afetiva do escritor à língua portuguesa, para além de vir ao encontro do espírito de um prémio chamado Camões e, portanto, o apresentar como um digno vencedor, não deixaria de ter impacto junto ao público.

Para além disto, os jornais citam também depoimentos de Craveirinha nos quais é possível rastrear a sua visão do prémio. Neles discorre ainda sobre os efeitos daquele na sua vida pessoal e sobre a sua conceção de poesia.

Os jornais de referência e o jornal especializado acrescentam testemunhos de escritores e críticos que contêm pistas de leitura para a obra do galardoado-

²⁵ Recorde-se, a propósito, que os dois países tinham assinado em 16 de dezembro de 1990 aquele que ainda hoje é conhecido como o Novo Acordo Ortográfico.

do, fornecendo uma amostra da sua fortuna crítica. São vozes de reconhecido mérito, provenientes do campo literário, que atestam a qualidade da obra do escritor e a justeza da atribuição do prémio.

A divulgação da decisão do júri foi o momento mediático por excelência. A entrega do prémio numa cerimónia pública não só não é noticiada por todos os jornais consultados, como, naqueles em que aparece, nunca consta da primeira página, perdendo até, em alguns casos, autonomia enquanto notícia. Ao contrário do que sucedeu com a cobertura noticiosa da revelação do vencedor do prémio, nesta altura, a distinção entre jornais de referência e jornais populares esbateu-se.

A data escolhida para a entrega do prémio, 10 de junho, poderá ter contribuído para a pouca atenção dada a este acontecimento, o que não quer dizer que esta escolha se limitasse a fazer coincidir a data da entrega do prémio com o dia do seu patrono. Ao dar mais destaque às palavras do Presidente da República sobre o laureado do que ao discurso que um governante brasileiro lhe dedicou, os jornais consultados parecem colaborar numa apropriação do ato e do prémio por Portugal, como se a língua celebrada fosse exclusivamente sua.

Seja enquanto parte de uma reportagem mais ampla sobre as celebrações do dia de Camões, de Portugal e das comunidades portuguesas, seja enquanto notícia isolada, todos os jornais salientam os apelos à paz em territórios onde se fala português proferidos por Craveirinha na sua intervenção, com particular destaque para a convocação de Timor-Leste. De novo ético e estético confluem, conferindo ao Prémio Camões outro alcance. Sabendo que a questão de Timor-Leste estava na ordem do dia, não é difícil perceber a preferência dos jornais. A literatura passa de novo para segundo plano, pois valores mais altos se levantam.

Bibliografia

- A *ACTA do júri* (4-10/06/1991). “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 465, p. 8.
- BASTOS, M.-B. (2016). “Camões em Moçambique à procura d’ *As Quybyrycas* de Frey Garabatus. Cãnone, geopolítica e descolonização”. In MACEDO, A.

- G., BRUGIONI, E. e PASSOS, J. *Prémios literários. O poder das narrativas. As narrativas do poder*. Porto: Afrontamento, pp. 53-74.
- CABRAL Melo e Neto felicitado por Mário Soares (14/09/1990). “O Primeiro de Janeiro”, Ano CXXII, n.º 255, p. 36.
- CARVALHO, A. (2017). “Fundação das literaturas africanas de língua portuguesa, na FLUL: um gesto pioneiro”. In TOPA, Francisco, org. *40 anos de literaturas africanas na FLUP. Da preia à baixa-mar?* Porto: Sombra pela cintura, pp. 33-45.
- CRAVEIRINHA, J. (4-10/06/1991). *A honra e o desassossego*. “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 465, p. 8.
- CRAVEIRINHA: «Prémio Camões» (31/05/1991). “Jornal de Notícias”, Ano 103, n.º 363, p. 45.
- CRAVEIRINHA: «o mérito é da língua portuguesa» (31/05/1991). “O Primeiro de Janeiro”, Ano CXXIII, n.º 151, p. 10.
- DELGADO, R. (1990). *José Saramago*. “Tribuna” (13 de agosto), pp. 106-107. Disponível em <josesaramago.org> [Consult. em 02/01/20].
- DEZENAS de personalidades condecoradas em Tomar (11/06/1991). “O Comércio do Porto”, Ano CXXXVIII, n.º 10, p. 4.
- EXPRESSÃO *multímida e original* (24/04-01/05/1989), *Jornal de Letras*, Ano IX, n.º 355, p. 8.
- FERREIRA, M. (4-10/06/1991). *Um poeta de todos nós*. “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 465, p. 10.
- FONSECA, J. (21-27/04/1989). *O silêncio de Torga*. “O Jornal”, Ano XIV, n.º 739, p. 33.
- GEORGE, J. P. (2002). *O meio literário português (1960-1998)*. Lisboa: Difel.
- GUERREIRO, A. (22/04/1989). *Miguel Torga. O prémio dos prémios*. “Expresso”, n.º 869, p. 10.
- JOÃO Cabral de Melo Neto: «Camões» para um brasileiro ibérico (18-24/09/1990). “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 428, p. 8.
- JOSÉ Craveirinha definiu Timor como «nação de língua portuguesa» (11/06/1991). “O Primeiro de Janeiro”, ano CXXII, n.º 162, p. 5.
- KNOPFLI, R. (04-10/06/1991). *O cidadão José Craveirinha*. “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 465, p. 10.
- LISBOA, E. (04-10/06/1991). *Amor à língua portuguesa*. “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 465, p. 9.
- MÁRIO Soares incita os Portugueses à «ousadia de uma grande ambição» (11/06/1991). “Diário de Notícias”, Ano 127, n.º 44639, p. 3.
- MORAL, D. (11/06/1991). *Governar com sabedoria, bom senso e capacidade de diálogo*. “Público”, Ano 2, n.º 464, p. 6.
- M. A. S. (30/05/1991). *Craveirinha ao DN. «Alegria que dói»*. “Diário de Notícias”, Ano 127, n.º 44627, p. 27.

- MARQUES, C. V. (04-10/06/1991). *Craveirinha: «A poesia pregou-me uma partida»*. “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 465, p. 9.
- «MÉRITO à plasticidade enriquecedora da língua» (31/05/1991). “A Capital”, Ano XXIV, 2.ª série, n.º 7335, p. 17.
- NEVES, A. L. (08/06/1991). *Prémio Camões 91. Um poeta do Índico*. In “Cartaz” (suplemento do *Expresso*, n.º 971).
- POEMAS inéditos de José Craveirinha* (04-10/06/1991). “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 465, p. 11.
- POESIA de escritor africano leva «Camões» para Maputo* (30/05/1991). “Diário de Notícias”, Ano 127, n.º 44627, p. 27.
- PRÉMIO Camões para Craveirinha* (30/05/1991). “O Comércio do Porto”, Ano CXXXVII, n.º 364, p. 28.
- PROTOCOLO adicional ao acordo cultural entre o governo da República Portuguesa e o governo da República Federativa do Brasil que cria o Prémio Luís de Camões (Decreto n.º 43/88)* (30/11/1988). “Diário da República”, Série I, n.º 277.
- «*QUE vou fazer com tanto dinheiro?»* (31/05/1991). “Diário Popular”, Ano 49, n.º 16505, p. 7.
- ROCHA, I. (04-10/06/1991). *A profecia do velho tipógrafo*. “Jornal de Letras”, Ano X, n.º 465, p. 8.
- SAPEGA, E. (2016). “Camões e Pessoa: dois prémios pós-coloniais?” In MACEDO, A. G., BRUGIONI, E. e PASSOS, J. *Prémios literários. O poder das narrativas. As narrativas do poder*. Porto: Afrontamento, pp. 25-30.
- SEPÚLVEDA, T. (30/05/1991). *Poeta moçambicano José Craveirinha ganhou o Prémio Camões. «A língua portuguesa é um milagre»*. “Público”, Ano 2, n.º 452, p. 31.
- SOARES dá recado em Tomar aos «homens do poder»* (11/06/1991). “A Capital”, Ano XXIV, 2.ª série, n.º 7343.
- SOARES felicita o poeta Cabral de Melo Neto* (14/09/1990). “O Primeiro de Janeiro”, Ano CXXII, n.º 255, p. 9.
- TEIXEIRA, J. (2018). “De todas as línguas se pode ver o mar. O português e as línguas globais”. In BARROSO, Henrique, coord. *O português na casa do mundo, hoje*. Famalicão: Húmus, pp. 133-153.
- TIMOR-LESTE é a oitava nação lusófona* (11/06/1991). “Diário de Notícias”, Ano 127, n.º 44639, p. 4.
- TIMOR-LESTE – o oitavo PALOP* (11/06/1991). “O Comércio do Porto”, Ano CXXXVIII, n.º 10, p. 4.
- TORGA: «*Eu não cuido de prémios*» (24/04-01/05/1989). “Jornal de Letras”, Ano IX, n.º 355, p. 8.